

Da lei da morte libertando...

por Paulo Mendes Pinto

Figuras do Mundo da Morte, num túmulo do séc. II d.C., actualmente no Museu de Damasco



5 de Janeiro

**A nostalgia do paraíso:
o imaginário de um tempo sem trabalho
e sem sofrimento**

12 de Janeiro

**Cleros, hierarquias e reis:
o caminho para a sociedade do Bronze**

19 de Janeiro

**Nacionalismos, ecologia e salvação:
o nascimento do indivíduo na Idade
do Ferro**

26 de Janeiro

**Baal e El, ou Adonai, Eloim e Adonis:
a junção eficaz das definições do divino**

Possivelmente, há já alguns milhares de anos que somos o que hoje temos à nossa frente. Fisicamente, esta forma com que nos gostamos de designar enquanto duplamente sábios, *sapiens sapiens*, terá

uns 200.000 anos. Há uns 40.000 anos que enterramos os mortos com flores. Nos últimos 5.000 anos fomos “da lei da morte libertando”, desenvolvendo um conjunto de mitologias e de raciocínios que nos levou à imortalidade e a todo um grupo de crenças que hoje nos estruturam o pensamento.

Com a passagem ao Neolítico, ganhámos a nostalgia dos tempos anteriores que apelidámos de paradisíacos. O trabalho do cereal possibilitou um crescimento populacional, mas implicou uma “domesticação” que não foi apenas dos animais à nossa volta, também foi de nós próprios.

A partir desse momento, sempre buscámos o inalcançável. Seja nas mitologias da Suméria onde a Condição Humana nos surge quase ao nível do desumano, seja na Babilónia onde se começa a esquivar uma ecologia em que tudo está interligado e dependente de uma imensamente marcante Criação.

Os mitos multiplicaram-se. As narrativas complexificam-se e os cleros consolidam-se. Inanna, Marduk, Baal, Melkart, Adonai e Javé são alguns dos momentos marcantes na construção das ideias centrais no mundo das religiões do Mediterrâneo. Mais que cultos, nestas realidades temos a construção dos próprios conceitos de divino, de deus, de salvação.

Neste percurso, que nos levará da Pré-História aos séculos em que emerge a nossa Era, os grandes deuses são depurações de ideias que resultam de milhares de anos a contemplar as estrelas à noite. Ao chegar próximo do nascimento dos monoteísmos, um deus já é um legado cultural muito além do que nos permite a leitura imediata das suas narrativas.

Nesse momento, uma divindade já não é ela mesma, é afinção de necessidades, de receios e de medos, mas também de desejos e de sonhos.

Paulo Mendes Pinto

26 de Janeiro

**Baal e El, ou Adonai, Eloim e Adonis:
a junção eficaz das definições do divino**

Quando dirigimos o nosso olhar para o texto da Descida de Inanna ao Mundo Inferior, somos confrontados com um aspecto inusitado. O mito como que não apresenta função, não se preenche em si mesmo, necessitando de uma segunda figura para lhe dar correspondência no mundo.

De facto, a deusa que é apresentada como o modelo de «rainha», em nada vê modificado o mundo com a sua aventura. Descera ao mundo da morte, morrera, “ressuscitara”, e tudo continuaria igual. Ao obrigar Dumuzi a repetir o seu percurso, cria-se uma funcionalidade agrícola, eficaz no campo do que realmente preocupava os crentes: a alimentação.

Neste caso, a funcionalidade recairia sobre o deus secundário. E esse seria o

QUARTAS-FEIRAS 5, 12, 19, 26 DE JANEIRO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

caminho da mitologia pelos dois milénios seguintes: juntar o que antes se vira em Inanna com o que se descobrira em Dumuzi, colocar lado a lado a ideia de realeza com a eficácia da produção cerealífera.

Com o Baal de Ugarit, a ideia está construída. O “Senhor” gere o mundo, um mundo legado por El, o “Deus”. Com a morte de Baal, verifica-se, já, a eficácia da função do deus: “que será feito da humanidade?”, diria El ao saber do sucedido, verificando que o Homem não teria alimento.

O deus Dumuzi evoluiria para Tammuz, e seria cultuado nas portas do Templo de Jerusalém, o templo supostamente dedicado a Javé.

De resto, o binómio Baal/El, Rei/Deus, teria um caminho rico no Mundo da Bíblia. Para além de Javé, o chamado deus de Israel seria também designado por duas outras palavras, exactamente as duas “descendentes” das ideias de Baal e El, de Rei e de Deus: Adonai e Eloim.

A luta entre cleros e profetas foi acesa e muito desse debate e confronto ainda podemos encontrar no texto de alguns profetas. Amós e Oseias são dois excelentes casos em que se verifica a forma como naturalmente se abandonava o culto a Javé e se adoptava o a Baal.

Mais na costa, uma outra variante, de mistura greco-fenícia, mostrava ainda noutra forma a herança de Dumuzi: Adonis morria e dava aos seus crentes a noção irreparável da perda e da dor. Mais uma vez, o mito ganhava significado num rito em trono da vegetação.

Neste caso, a duração deste culto no tempo vai até ao Cristianismo. Veremos como S. Paulo, de forma indirecta, usa a linguagem “adoniana” para converter os membros das cidades onde esse culto era mais popular.

Terminaremos com a quase eternização das funcionalidades de divino antes apontadas. O Cristianismo de Constantino, já em pleno século IV, vai-se estruturar em torno exactamente das mesmas duas ideias: Deus e Senhor, como veremos.

Paulo Mendes Pinto é Director da Licenciatura e do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona. Trabalha em torno da mitologia do Mediterrâneo Antigo, especialmente Suméria, Babilónia e Canaã. Actualmente, dirige o projecto *Inquérito à Cultura Religiosa em Portugal*, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.